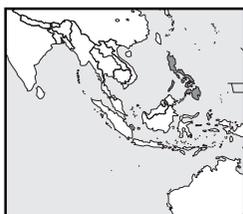


## É possível juntar os pedaços?

JESSICA REYES-CANTOS<sup>1</sup>



Embora a economia mundial estivesse em retração mesmo antes do 11 de setembro, a estratégia econômica limitada ainda se baseia nas exportações e nos investimentos estrangeiros diretos. Os setores continuam sendo os impulsionadores potenciais do crescimento, embora esse potencial esteja significativamente enfraquecido devido a condições externas e locais.

Nesta época incerta, muitos previram que a economia filipina sofreria uma retração depois do ataque ao World Trade Center em 11 de setembro de 2001. No entanto, o governo de Arroyo declarava em seu informe de fim de ano que as Filipinas se mantinham numa posição segura.

Para uma economia que registrava uma taxa de desemprego de dois dígitos no ano 2000 e no primeiro semestre de 2001 (pela primeira vez desde 1986), talvez não haja outra saída além de melhorar ou ficar na mesma posição.

Se a população filipina desfrutasse de igualdade de acesso aos benefícios sociais, ficar na mesma posição ainda seria provavelmente melhor do que a recessão. Entretanto, com uma distribuição de renda altamente distorcida e uma taxa de crescimento populacional de mais de 2% (uma das mais altas na Ásia), as pessoas pobres não podem se conformar em ficar na mesma posição, pois a pobreza tem sido um problema persistente.

As taxas de crescimento econômico eram mediocres mesmo antes de 11 de setembro. No entanto, foram uma surpresa agradável para os planejadores econômicos, que esperavam uma situação muito pior, levando em conta os resultados deprimentes do restante do mundo. De fato, uma taxa de crescimento de cerca de 4% pode ser considerada uma conquista quando comparada com as economias anteriormente prósperas de Hong Kong (China), Taiwan e Cingapura – que experimentaram retrocessos repentinos – ou como a do Japão, que vive em prolongada recessão.

A economia filipina é afetada relativamente menos pela retração global porque as exportações constituem somente cerca de 40% da produção econômica, ao contrário da Malásia ou Taiwan, cujas exportações constituem mais de 80% da produção.

A taxa de desemprego era de 10,1% em outubro de 2000 (a mais alta desde 1986) e foi acompanhada rapidamente por um aumento dos índices de criminalidade. Embora as estatísticas oficiais sobre crimes afirmem que a taxa de resolução dos casos é de 93%, é preocupante a natureza dos crimes registrados. Anteriormente, o seqüestro estava limitado às zonas urbanas e suas vítimas eram empresários chineses. Agora, o crime se espalha para as províncias e as vítimas são pessoas comuns.

Embora a taxa de desemprego tivesse voltado a um dígito em outubro de 2001, persiste a sensação de que há uma crise no setor. Mesmo com índices mais baixos, o número absoluto de pessoas desempregadas aumentou em 140 mil, comparado com o trimestre anterior (**Tabela 1**). Além disso, houve uma época em que a educação universitária era quase uma garantia de emprego. Ultimamente, mesmos os/as egressos/as das principais universidades do país têm tido dificuldade em conseguir trabalho.

**Tabela 1**  
**Trabalho e emprego - julho de 2000 a outubro de 2001**

TRABALHO E EMPREGO	OUT. 2001	JUL. 2001	ABR. 2001	JUL. 2000
Força de trabalho total (milhões)	33,4	32,6	33,6	30,5
Participação da força de trabalho (%)	67,5	66,3	69,0	63,8
Número de pessoas desempregadas (milhões)	3,3	3,1	4,5	3,4
Desemprego (%)	9,8	10,1	13,3	11,2
Número de pessoas subempregadas (milhões)	5,0	5,5	5,1	5,7
Subemprego (%)	16,6	17,7	17,5	21,2

<sup>1</sup> A autora é membro da Action for Economic Reforms e coordenadora do *Social Watch* das Filipinas.

As notícias diárias da imprensa sobre o fechamento de empresas e cortes de despesas não ajudam. Nos primeiros dez meses de 2001, 56.531 pessoas ficaram desempregadas, depois das demissões maciças e do fechamento permanente de 2.294 estabelecimentos comerciais. No mesmo período, outros/as 54.549 trabalhadores/as de 526 empresas foram dispensados/as temporariamente, postos em sistema de trabalho rotativo ou tiveram o horário de trabalho reduzido. Entre janeiro e outubro de 2001, em média 367 pessoas perderam o emprego ou foram despedidas temporariamente todos os dias. Em todo o país, o número chegou a cerca de 111.080 trabalhadores e trabalhadoras.<sup>2</sup>

Graças ao trabalho no exterior, o desemprego foi até certo ponto reduzido. O número oficial de trabalhadores e trabalhadoras das Filipinas no exterior está estimado em 7,29 milhões. Depois da crise asiática de 1997, a média anual de novos empregos no exterior aumentou fortemente. Chegou a um valor sem precedentes de 840 mil. Em 2000, o emprego no exterior constituía 3,03% do emprego nacional. Durante a maior parte dos anos da década de 1990, os novos empregos no exterior ultrapassaram o emprego líquido gerado no país.

Tabela 2 - Incidência da pobreza - 1961 a 2000					
Ano	Incidência de pobreza (% de famílias)			Número abaixo da linha de pobreza	
	Total	Urbana	Rural	Famílias Total em milhões	População Total em milhões
1961	59	51	64	-	-
1965	52	43	55	-	-
1971	52	41	57	-	-
1985	44,2	33,6	50,7	4,355	26,231
1988	40,2	30,1	46,3	4,231	25,005
1991	39,9	31,1	48,6	4,781	28,120
1994	35,5	24,0	47,0	4,531	27,274
1997	31,8	17,9	44,4	4,511	26,768
2000	34,2	20,4	47,4	5,216	31,298
Redução anual média de 1961 a 1997	0,76	0,92	0,54	-	-
Aumento anual médio de 1997 a 2000	0,80	0,83	1,00	-	-

A Pesquisa de Renda e Despesas Familiares (Fies, na sigla em inglês) para 2000, na qual estão baseadas as estimativas de pobreza, confirmou o temor de que a pobreza tivesse aumentado – após anos de redução constante, ainda que pequena. A incidência da pobreza cresceu de 31,8% das famílias filipinas em 1997 para 34,2% em 2000. Significou um adicional de 705 mil famílias ou, considerando-se seis membros por família, 4,23 milhões de pessoas pobres a mais. No total, aproximadamente 31,3 milhões de pessoas são pobres, equivalente a 40% da população de 75 milhões. (Tabela 2)

Há um aspecto *positivo* na pesquisa: a desigualdade de renda declinou um pouco. Em 1997, o índice de Gini era de 0,4872. O índice de 0,4507 em 2000 reflete uma melhora na distribuição de renda. Contudo, até mesmo o governo não está orgulhoso dessa *melhora*. Os planejadores econômicos admitem que esse declínio indica que a crise econômica simplesmente solapou a renda das famílias que viviam acima da linha de pobreza. Falando claramente, a crise, que normalmente atinge mais as pessoas pobres, desta vez não poupou ninguém. Quase todas as pessoas estão em situação pior do que antes.

### Déficit no social

Em um futuro próximo, os serviços sociais básicos não receberão verbas adequadas. Rosario Manasan, economista do Instituto Filipino para Estudos de Desenvolvimento (Pids, na sigla em inglês), calculou que seriam necessários US\$ 2,3 bilhões somente para a educação básica. O orçamento de US\$ 2 bilhões, proposto para 2002 para o Departamento de Educação, Cultura e Esportes, apresenta um déficit de US\$ 240 milhões.

Para o atendimento primário na Saúde, Manasan calcula que serão necessários US\$ 210 milhões em 2002. O governo nacional alocou US\$ 290 milhões para gastos com o setor. Porém, a maior parte dessa quantia irá para tratamento curativo e não para prevenção.

Com exceção do Serviço da Dívida e da Defesa, desde 1997 diminuíram as despesas setoriais como percentuais do PIB. Da mesma forma, declinaram os gastos com Educação e Saúde, como percentual do orçamento nacional.

O problema da dívida parece ter fechado um ciclo. Após ter declinado para menos de 20% do orçamento nacional, entre meados e final da década de 1990, os pagamentos de juros outra vez ultrapassaram aquele nível no ano 2000. A dívida do setor público ascende a US\$ 43,4 bilhões, dos quais 47,5% correspondem à dívida externa. Isso torna o programa fiscal do governo altamente vulnerável à volatilidade das taxas estrangeiras de câmbio e de juros.

2 "Gloomy Christmas awaits workforce". *Philippine Star* de 5 de dezembro de 2001.

Em julho de 2001, seis meses depois da queda do presidente Estrada e da posse da então vice-presidente Gloria Macapagal Arroyo, Emmanuel de Dios, da Escola de Economia da Universidade das Filipinas, observou que a nova administração estava preocupada com ameaças e exigências de curto prazo – como seqüestros no Sul, ameaças à segurança nacional e calamidades naturais. Com razão, ele advertiu sobre a perda de ritmo e de vontade para realizar a reforma econômica e política. Já então, a vontade política de realizar as reformas estava sendo substituída pela sensação crescente de inércia e cinismo.

Em termos de financiamento, a visita da presidente Arroyo aos EUA, em novembro de 2001, produziu numerosos benefícios no que diz respeito à ajuda econômica e militar para o país. Esses trouxeram algum alívio e talvez tenham até

mesmo adiado reformas urgentes, como a necessidade de reprimir duramente aqueles que, nos altos escalões, violam as leis contra a corrupção, e de exigir trabalho e eficiência dos órgãos de arrecadação.

A preocupação prioritária do governo parece ser a sobrevivência até as eleições de 2004. Para a sociedade civil, que se atribui o crédito pela expulsão do ex-presidente Joseph Estrada, num movimento que ficou conhecido como o Poder Popular II, há somente uma grande questão: é possível juntar os pedaços? ■

Action for Economic Reforms (Ação por Reformas Econômicas)  
<sowat@info.com.ph>